



“Um romance  
cativante, profundo  
e sexy sobre a força  
do amor.”

Liz Banks, autora  
de *Irresistible*

VOLTA  
MILA GRAY PARA  
MIMI



ARQUEIRO



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

PARA VENETIA E AMANDA

*“Só se vive uma vez. Mas, se você fizer  
as escolhas certas, uma vez basta.”*

# Jessa

UM REDEMOINHO NO VIDRO distorce a imagem, como uma digital que suja uma lente. Estou no meio da escada, prendendo o cabelo num rabo de cavalo, com os pensamentos a um milhão de quilômetros de distância, quando um borrão do lado de fora da janela me faz parar.

Dou mais um passo, a visão clareia e, ao me dar conta de *quem* estou vendo, meu estômago se contrai e fico sem ar. Meus braços pendem inertes ao lado do corpo. Meu instinto é voltar a subir, entrar correndo no banheiro e trancar a porta, mas estou paralisada. Este é o momento com o qual as pessoas sempre têm pesadelos, que passam sem parar na cabeça, a mais tenebrosa das fantasias, alimentada por filmes e histórias reais que se ouvem a vida inteira.

Você fica imaginando como vai dar conta, o que vai dizer, como vai reagir quando abrir a porta e deparar com *elas*. Você reza para todos os deuses que é capaz de imaginar para que este momento jamais aconteça. Você faz barganhas, promessas, negociações desesperadas. E vive cada dia com o murmúrio dessas preces ininterruptas, um mantra eterno. E então o momento ocorre e você percebe que foi tudo em vão. As preces não foram ouvidas. Não havia o que barganhar. Foi culpa sua? Foi você que não cumpriu sua promessa?

O tempo parece ficar mais lento. O pai de Kit continua parado no fim da entrada de carros e contempla a casa, estreitando os olhos contra o brilho da manhã. Está vestindo o uniforme solene. Foi isso que percebi antes de todo o resto, foi isso que me disse tudo o que eu precisava saber. Além do mais, ele está na frente da minha casa. O pai de Kit nunca veio aqui. Só um motivo o faria vir.

Ele ainda não deu um passo sequer, e torço com todas as forças para que não dê. Mentalizo-o voltando e entrando no carro escuro parado no meio-fio. Uma figura obscura de uniforme está ao volante. *Por favor, entre no*

*carro e vá embora.* Começo a fazer negociações fúteis com um deus sem nome. Se ele voltar para o carro e partir, eu faço qualquer coisa. Mas ele não volta. Dá um passo em direção à casa, e é aí que tenho certeza de que ou Riley ou Kit morreu.

Um grito, ou talvez um soluço, tenta abrir caminho por minha garganta, mas é bloqueado por uma forte onda de náusea. Eu me apoio no corrimão para me manter de pé. Quem terá sido? Qual deles? Meu irmão ou meu namorado? Ai, meu Deus. Ai, meu Deus. Minhas pernas tremem. Vejo o pai de Kit andar lentamente, com a cabeça baixa.

Lembranças, imagens, palavras piscam na minha mente, como fragmentos de um rolo de filme arranhado: os braços de Kit na minha cintura, me puxando para perto dele; nosso primeiro beijo, oculto pela escuridão, bem ao lado da porta dos fundos; o sorriso no rosto dele na primeira vez em que dormimos juntos; o azul de seus olhos iluminado pelas chamas de um balão chinês; a determinação em sua voz ao dizer que me amaria para sempre.

*Volta para mim.* Foi a última coisa que eu lhe disse. *Volta para mim.*

*Sempre.* Foi a última coisa que ele me disse.

Então, vejo Riley criança, jogando um trem de brinquedo escada abaixo, se atirando na piscina, segurando minha mão no enterro do vovô, sorrindo e comemorando com Kit após os dois se alistarem. A foto dele no dia da formatura, de uniforme. As olheiras na última vez que o vi.

A campainha soa. Dou um pulo. Mas não me movo, paralisada no meio da escada. Se eu não abrir a porta, talvez ele vá embora. Talvez nada aconteça. Mas a campainha soa de novo e ouço passos atrás de mim, no topo da escada.

– Jessa? Quem é? Por que você está aí parada?

É a voz da minha mãe, sonolenta e confusa. Então ela vê. Eu a ouço inspirar, ouço o “não” trêmulo que murmura. Ela também sabe que um carro militar estacionado na frente da casa às sete da manhã só pode significar uma coisa.

Eu me viro para ela. Sua mão está pressionada contra a boca. De camisola, com o cabelo despenteado e o rosto pálido, parece ter visto um fantasma. Não, nada disso: *ela* parece um fantasma.

A campainha soa pela terceira vez.

– Abra a porta, Jessa – diz minha mãe com uma voz estranha, irreconhecível, que me sobressalta.

Começo a descer os degraus. Subitamente, me sinto mais calma, como se flutuasse fora do meu corpo. Isto não pode estar acontecendo. Não é real. É só um sonho.

De alguma forma, eu me encontro de pé em frente à porta. Eu a abro. Kit. Riley. Kit. Riley. Os nomes circulam pela minha cabeça como aves de rapina num límpido céu azul. Kit. Riley. Qual deles? O pai de Kit está aqui de uniforme solene, com as insígnias de capelão, para nos dizer que o meu irmão ou que o filho dele – meu namorado – foi morto em combate? Ele viria nos dois casos. Faria questão de me comunicar. Faria questão de comunicar à minha mãe.

O pai de Kit esteve chorando: olhos vermelhos, rosto úmido. Na verdade, ainda está chorando. Vejo as lágrimas escorrerem pela face e me dou conta de que nunca o vi chorar. Sinto um impulso de consolá-lo, mas, mesmo se eu encontrasse as palavras, minha garganta está tão seca que não conseguiria dizê-las.

– Jessa – fala ele, com a voz rouca.

Eu me amparo no batente da porta, mantendo as costas retas. Minha mãe também desceu a escada e está logo atrás de mim. O pai de Kit olha para ela por sobre o meu ombro. Ele inspira fundo, ergue o queixo e tira o quepe antes de voltar a me fitar.

– Sinto muito.

– Quem? – eu me ouço perguntar. – Quem foi?

# Jessa

*Três meses antes...*

– MEU DEUS, quem é esse?

Didi aperta meu braço com tanta força que vai deixar uma marca. Ergo os olhos. E o vejo. Ele está me fitando com um sorriso largo e eu tenho que me esforçar para não sorrir também. Sinto um frio na barriga, um nó no estômago.

– Kit – respondo, em parte para responder a Didi, em parte só pela oportunidade de falar o nome dele em voz alta após tanto tempo.

Quando ele me ouve dizer seu nome, sorri ainda mais e atravessa a sala, vindo na minha direção.

– Oi, Jessa.

Seu olhar me percorre antes de se fixar no meu rosto. Ele passa a mão pela cabeça raspada, um gesto acanhado que faz o frio na barriga se intensificar. Continua sorrindo para mim, mas agora com um ar mais tímido.

– Oi – respondo, engolindo em seco.

De repente, estou nervosa. Passei nove meses sem vê-lo. Eu não sabia se ele viria hoje e, embora tenha ensaiado este momento dezenas – na verdade, milhares – de vezes na minha cabeça, percebo que estou completamente despreparada agora que de fato está acontecendo. Em todas as cenas imaginárias, nem uma vez eu levei em conta o que ele me faria sentir – a impressão é que acabei de me atirar de um despenhadeiro. Estou sem fôlego, quase trêmula, com dificuldade para sustentar seu intenso olhar azul.

Kit agora parece ter mais de 21 anos. Os ombros estão mais largos e ele está até mais bronzeado do que de costume, aspectos bem acentuados pela camiseta branca que veste. Sinto Didi apertar meu braço com muita força, como se tentasse estancar uma hemorragia. Sei que, se eu a olhar, vou flagrá-la babando sem a menor vergonha. Ela estuda numa escola de freiras, mas suas orações se concentram em pedir a Deus que a livre não dos pecados, mas da sua virgindade.

– Feliz aniversário – diz Kit.



Ele não desvia os olhos de mim um minuto sequer, e sinto minha pele arder sob esse olhar incansável. Eu coro.

– Obrigada – consigo dizer, desejando pensar numa resposta melhor, algo inteligente e charmoso. Eu tinha algo planejado para este momento, mas meu cérebro decidiu fechar para balanço.

– Oi!

É Didi. Ela soltou meu braço e agora estende a mão para Kit.

– Eu sou a Didi, a melhor amiga da Jessa. Você deve ser o Kit. Ouvi falar muito de você.

Grande ênfase em *muito*. Tomo nota para matá-la mais tarde. Kit dá uma olhada na minha direção, claramente se esforçando para não manifestar seu divertimento, antes de voltar toda a atenção para Didi. Aperta a mão dela e se apresenta da forma adequada, dando-me a oportunidade de me recompor e examiná-lo. Mede 1,80 metro, só que parece mais alto, talvez por causa da postura ereta. Reconheço o desenho no braço que aparece por baixo da manga. É a mesma tatuagem que Riley tem: o emblema do Corpo de Fuzileiros Navais. Estou me coçando para não tocá-la. Meu Deus... Passei meses me forçando a deixar Kit para trás, ordenando a mim mesma que o esquecesse. Didi revira os olhos toda vez que o menciono. Até incluiu meu nome no *Urban Dictionary*, dentro do verbete *patético*. Porém, agora que observo Kit enfeitá-la, vejo que ela enfim vai começar a me dar um descanso.

Didi o bombardeia com perguntas, como se fosse uma casamenteira chinesa, indagando sobre o trabalho e o uniforme dele. Eu não me surpreenderia se ela comesse a questionar quanto ele ganha e se tem namorada. Quero interrompê-la, mas ainda estou tentando rearrumar os pensamentos e formular uma frase. E, para falar a verdade, meio que torço para ela perguntar mesmo se ele tem namorada. Se bem que uma grande parte de mim não quer ouvir a resposta. E se ele tiver? Respirando fundo, eu digo a mim mesma que Kit passou os últimos nove meses no Sudão, morando com um monte de caras, dormindo num quarto com dezenas de homens, comendo num refeitório. Não foi a festas ou boates toda noite, então é muito improvável que tenha arranjado uma namorada nesse período.

Educadamente, Kit dá as respostas padronizadas que treinou, meneando a cabeça. Em outras palavras: nenhum detalhe revelador. Só sei que ele e Riley estiveram no Sudão com o resto do destacamento de fuzileiros, protegendo a embaixada dos Estados Unidos em Cartum. E que voltaram ontem.

Os dois continuam a conversar. Didi lhe diz que se mudou há apenas seis meses para Oceanside e que sua grande ambição é terminar a escola e ir morar em Los Angeles (felizmente ela não menciona sua outra grande ambição: perder a virgindade). Então, me dou conta de que estou vidrada nos lábios de Kit, imaginando como seria beijá-los.

Nunca aconteceu nada entre mim e ele, nem poderia acontecer, então tudo o que posso fazer é sonhar. Ele é o melhor amigo do meu irmão desde que tinham 14 anos. Conhecemos Kit assim que nos mudamos para a Califórnia, quando eu tinha 11. Ele e Riley se tornaram inseparáveis, começando pelos treinos de beisebol. É o tipo de amizade muito íntima que se vê nos filmes. Não como *O segredo de Brokeback Mountain* – para minha sorte –, mas algo que sempre invejei um pouco. Kit e Riley provavelmente não passaram um dia sem se ver desde que se conheceram. São mais próximos do que irmãos. É um relacionamento que persiste apesar de meu pai detestar Kit e já ter feito tudo ao seu alcance para acabar com a amizade.

Eu olho pela janela para o jardim, onde meu pai e Riley estão preparando a churrasqueira. Como se tivesse uma espécie de sexto sentido, meu pai ergue a cabeça subitamente. Ele foi atirador de elite dos fuzileiros e tem uma capacidade assustadora de sentir que está sendo observado. Ele me detecta. Depois vejo que constata a presença de Kit. Seu rosto adquire um aspecto sombrio justo antes de Riley acender o carvão, formando labaredas da altura da palmeira mais próxima, e meu pai se volta para lhe dar ordens ríspidas. Francamente, só na minha casa uma festa de aniversário se transforma numa operação militar.

Nunca ficou muito claro para mim por que meu pai detesta Kit, mas sei que tem algo a ver com o pai dele, também fuzileiro, que serviu no mesmo destacamento, nos anos 1980. Também é possível que meu pai culpe Kit por algumas escolhas questionáveis de Riley, como se alistar em vez de ir para a faculdade, que era o que meu pai esperava dele (leia-se: insistia que ele fizesse desde que nasceu). Depois, houve aquela vez em que incendiaram a garagem soltando fogos de artifício. E também aquele dia em que saíram correndo nus pela arquibancada de um jogo de futebol americano televisiado. É, pensando bem, talvez haja algumas razões para meu pai guardar ressentimentos contra Kit.

O pai de Kit agora é capelão dos fuzileiros. Após a morte da esposa, ele travou uma longa batalha contra o luto e a bebida e, por fim, encontrou Deus.

Enquanto isso, meu pai foi subindo na hierarquia e, hoje, é coronel, função que desempenha mesmo quando não está de farda – provavelmente, até dormindo. Deve ser por isso que Kit continua na cozinha conosco e não vai lá para fora, acender o fogo com os homens. Ou haveria outra razão?

Kit se vira para mim e respira fundo. Atrás dele, vislumbro Didi fazendo cara de “uau!”. Eu me esforço para não rir.

Bem nesse momento, minha mãe sai da cozinha carregando travessas cheias de comida.

– Kit! – exclama, entusiasmada.

Minha mãe não tem nenhum problema com Kit nem com o pai dele. Aliás, ela gosta dele quase tanto quanto do meu irmão e o trata como se fosse seu segundo filho. Sempre que Riley e Kit têm folga e passam um período em casa, é como se fosse Natal. Minha mãe se livra da depressão e retorna à vida, eufórica. Sei que, assim como eu, por mais que fique orgulhosa, ela detesta que sejam fuzileiros. Além disso, sempre desconfie que tenta compensar o jeito como meu pai trata Kit. Às vezes é meio constrangedor. Como agora.

Ela deixa sobre a mesa umas travessas de salada e frango marinado e envolve Kit num abraço feroz. Minha mãe só chega até o ombro dele, mas a impressão é que ele não conseguiria se soltar. Mas Kit nem tenta se desvencilhar, pois é educado demais e, secretamente, gosta desse exagero.

Didi aproveita a oportunidade e vem para o meu lado.

– Caramba, eu nem o reconheceria pelas fotos. É muito mais gostoso. Quero só ver como ele fica de uniforme. Imagine só, se já é lindo assim de roupa normal.

Dou uma cotovelada nas costelas dela. Eu já vi Kit de uniforme. E Didi não está enganada: fiquei sem palavras.

– Ou pelado – sussurra Didi. – Isso mesmo, esqueça o uniforme. Imagine como ele é pelado.

– Shhh! – faço, sem admitir que já o imaginei assim. Muitas vezes.

– Ele está *muito* a fim de você.

– Cala a boca – murmuro quando minha mãe solta Kit.

Mas meu pulso acelera. Será que Didi está certa? Ou só diz isso porque sabe que é o que eu quero ouvir?

– Não, estou falando sério. Ele não tira os olhos de você – retruca Didi, abafando as palavras com uma tosse quando Kit olha de novo para mim.

– Viu? – Didi se dirige à minha mãe: – Sra. Kingsley, quer uma mãozinha? – pergunta num tom de voz exageradamente alto.

Minha mãe ergue o olhar, agitada.

– Ah, seria ótimo. Obrigada, Bernadette.

– Didi – replica minha amiga secamente.

Ela detesta que a chamem pelo nome.

Pega a travessa do frango e se encaminha para a porta, por onde passa uma fumaça densa graças ao fluido de isqueiro que meu irmão jogou na churrasqueira. Ela me lança um olhar por sobre o ombro – os olhos arregalados e a cabeça inclinada na direção de Kit. Está me dizendo para ir falar com ele.

O problema é que nunca precisei me esforçar para conversar com Kit. Sempre fluiu naturalmente. Até agora. Por algum motivo, de repente minha garganta parece estar cheia de pedras. Mal consigo pensar numa frase coerente, quanto mais articular uma.

– Então, Jessa, como você tem andado? – ouço Kit dizer bem atrás de mim. Eu me volto para ele, o coração martelando no peito.

– Assim, sabe... Bem. Legal.

Estou enrolando. Ele acha graça, mas se contém para não sorrir, comprimindo os lábios. Esses lábios... Certo. Foco. Não fique encarando.

Respiro fundo. Ninguém além de Didi sabe, mas eu gosto de Kit há anos. Tenho uma queda por ele desde que eu tinha 14 anos e ele, 17. Mas, na última folga de Kit, foi a primeira vez que senti que poderia ser recíproco, talvez, possivelmente. Possivelmente não. É essa incerteza que me mantém acordada a maioria das noites nos últimos nove meses. Fiquei rememorando os nossos encontros, as nossas conversas, até que as lembranças se desgastaram tanto que eu já não sabia mais se as estava misturando a eventos inventados, imaginando coisas que não tinham acontecido. As mãos dele ficaram mais tempo do que o necessário sobre as minhas naquela vez em que me ajudou a levantar? Ele me abraçou mesmo com tanta força quando nos despedimos? Ele me olhou daquele jeito intenso porque se imaginou me beijando ou porque meu dente estava sujo de comida? Nós trocamos e-mails regularmente enquanto ele estava longe, e as mensagens eram bem-humoradas, às vezes se aproximando do flerte, mas logo retornando ao terreno firme do *apenas amigos*.

– Que bom – responde ele.

Isso é um sorriso irônico?

Por que não consigo parar de olhar para os lábios dele? Por que eu perco completamente a linha de raciocínio quando ele fica perto de mim? E ele sempre teve esse cheiro tão bom? O que está acontecendo comigo?

Enfim consigo encontrar as palavras e construir duas frases inteiras, com verbo, advérbios e pronomes. Incrível.

– E você? Como foi tudo por lá?

Capto uma breve hesitação em que o sorriso dele se esvai por um momento, mas logo brilha de novo. Ele passa a mão na cabeça.

– É, você sabe... – Ele larga a frase no meio e dá de ombros.

Que pergunta idiota. Droga. Por um momento, nenhum de nós dois diz nada. Começo a retorcer a ponta do meu rabo de cavalo – sempre faço isso quando fico nervosa – e então, percebendo que esse gesto pode ser interpretado como um flerte, e um bem clichê, deixo as mãos penderem ao lado do corpo. Kit fica parado, esperando, me observando, aquele meio sorriso ainda no rosto. É difícil decifrar sua expressão. Parece se divertir com meu desconforto, mas há algo mais no jeito como me olha. Ele abre a boca como se fosse me perguntar algo, mas volta a fechá-la. O ar parece carregado, talvez porque estou hiperconsciente de cada gesto que faço e do fato de que meu pai está a menos de 15 metros de nós, segurando algo que pode ser uma arma.

– Quanto tempo você vai ficar? – enfim pergunto.

Minhas bochechas já estão quase tão quentes quanto o frango que agora está na churrasqueira.

– Quatro semanas.

Meneio a cabeça e olho para meus pés. Quatro semanas. Um mês. E aí ele vai embora de novo. Afinal, por que eu quero que aconteça algo entre nós? Não valeria a pena. Antes que eu perceba, ele vai ter partido.

– E aí, qual é a sensação? – pergunta Kit.

Qual é a sensação de quê? Entro em pânico por um instante, achando que, de alguma forma, ele leu minha mente e sabe o que estou pensando.

– De ser livre. De ter 18 anos – completa Kit, notando minha confusão.

– Bom, ainda tenho uma semana de aula. Depois o verão todo. Aí, começo a faculdade.

Kit inclina a cabeça para um lado.

– A USC?

– Não, a USD.

Dei adeus àquele sonho. Vou para a Universidade de San Diego.

– Mas você não queria ir para Los Angeles? – questiona Kit. – Pensei que estava muito a fim de estudar teatro na Universidade do Sul da Califórnia.

Meu olhar se dirige instintivamente para a janela e vejo meu pai ainda ocupado com as labaredas. Está gritando algo para Riley.

– Bom, sabe como é... – respondo, desejando não ter tocado no assunto. – Meu pai queria que eu fosse para a USD. É mais perto. Posso ficar aqui em casa.

Kit me encara, incrédulo, e um lampejo de decepção em seu olhar faz minhas entranhas se retorcerem. É claro que ele não iria esquecer que eu queria ir para a Universidade do Sul da Califórnia. Kit foi a primeira pessoa a saber do meu sonho de entrar na Faculdade de Artes Cênicas de lá. Eu lhe contei na última folga dele. Havia brigado com meu pai por causa das minhas notas e, em seguida, fui à praia e encontrei Kit por acaso. Começamos a conversar e, quando dei por mim, estava contando tudo a ele. Kit foi o primeiro a me perguntar o que eu queria fazer da vida: “Qual é o seu sonho?”

Respondi que era estudar teatro na USC. Ele ficou tão interessado, tão entusiasmado com a ideia, que também comecei a me empolgar e a pensar seriamente no assunto. Voltei para casa ainda extasiada com a conversa e disposta a começar a pesquisar sobre o processo de inscrição, porém encontrei meu pai me esperando com um cronograma pronto de aulas de reforço e um folheto da USD. Mas não quero pensar em nada disso hoje. É meu aniversário. Agora Kit está de cara fechada. Ele olha ao redor e eu faço o mesmo, me detendo na janela. Meu pai está lá fora, com a pinça quente numa das mãos, encarando-nos com os olhos semicerrados, lembrando miras de laser. No entanto, sua visão é bloqueada de repente por Didi, que para na frente dele com uma travessa de frango marinado.

– É melhor eu ir – ouço Kit dizer.

Eu me viro para ele.

– Não – falo rapidamente, agarrando seu pulso. – Fique, por favor.

Kit olha para os meus dedos em torno do seu braço. Em silêncio, ele ergue a vista e meu pulso se acelera quando vejo sua expressão. É indiscutível. Não estou inventando nem imaginando isto. O desejo é palpável, intenso como uma chama. Surpresa, solto seu pulso e sinto os dedos arderem.

– Não quero ser mandado para a corte marcial – murmura ele, apontando para a janela com sutileza.

– Ah, ignore-o – replico, claramente sem fôlego, me achando uma idiota.

– Ele só está meio irritado. Você sabe como ele é.

Detesto me desculpar pelo meu pai, mas estou acostumada. Passei boa parte da vida fazendo isso.

– É, bom... – começa Kit. – Não quero que ele me mande numa missão individual para a Somália ou o Afeganistão. Ou pior, que me faça passar o resto da vida limpando as latrinas da base.

Ele olha para a minha mão, que está a centímetros da mão dele. Então, fita os meus lábios por um instante.

– É melhor eu ir – diz em voz baixa.

*Não, não vá*, quero responder, mas só consigo engolir em seco. Sinto vontade de segurá-lo pelo pulso mais uma vez. Quero ver aquela expressão de novo. Só para confirmar, pois começo a me perguntar se imaginei aquilo. Mas não faço nada. Apenas assinto. Ele dá um passo na direção da porta.

– Diga para o Riley que depois eu ligo.

Concordo novamente. Por alguma razão, meus olhos ardem, quase marejando. Jogo a culpa na fumaça da churrasqueira. Por que meu pai sempre tem que estragar tudo? E, o que mais me irrita, por que eu nunca o confronto? Já tenho 18 anos. Não devia mais ter medo dele.

– A gente se vê, Jessa.

Ele pega uns *cupcakes* da travessa que está sobre a mesa, abre um sorriso para mim e desaparece. Segundos depois, ouço a porta da frente bater.

# Kit

EU NÃO DEVIA TER IDO EMBORA. Se o coronel Mala Sem Alça Kingsley não tivesse virado aquela pinça para mim como se apontasse uma submetralhadora para a minha cabeça, talvez eu ficasse mais. Aposto que ele chegou a pensar em usar meu rosto como combustível para o churrasco. Enfim, o que eu esperava? Nunca fui bem-vindo na casa deles. Quer dizer, isso não é totalmente verdade. Sou bem recebido sempre que ele não está por perto. Riley, Jessa e a mãe deles sempre se esforçam para me fazer sentir em casa. Parece que ficam culpados pelo jeito como ele me trata. Sei que Riley acha o pai um babaca, mas não pode dizer nada. Acho que eu também não diria se estivesse no lugar dele.

Com um suspiro, subo na moto e dou partida. Enquanto estava longe, as duas coisas de que mais sentia saudade eram esta moto e Jessa Kingsley. E também o bife de costela do Fleming's, malpassado. Mas principalmente Jessa, para dizer a verdade. Eu fantasiava com tanta frequência que recebi o título de Cabo Cadete Espacial na minha unidade. Caramba, agora eu entendo por que eu sentia tanta falta de Jessa. Ao mesmo tempo, percebo como a minha imaginação foi injusta com ela. Eu não tinha uma foto dela comigo – não queria que Riley me visse com uma foto da irmã dele na minha carteira, por razões óbvias. Mas, da próxima vez, vou tirar uma. Que se dane.

Jessa Kingsley é minha obsessão secreta há dois anos. Felizmente, ela puxou à mãe e não ao pai – cabelo louro-claro, pele cor de creme, olhos tão verdes que parecem lentes de contato. Um dia ela era uma criança pequena, ossuda, com aparelho nos dentes, que nos seguia o tempo todo feito um bichinho de estimação, mas depois que passei um tempo fazendo treinamento básico, a encontrei crescida, com olhos expressivos, o cabelo liso e comprido e um sorriso que toda vez me tira o fôlego.

Ela não cresceu muito; aliás, continua baixa, miúda, mas tem curvas nos



lugares certos. Se bem que levei um tempo para perceber isso, e àquela altura foi mais um bônus do que a atração principal. Ela estuda num colégio de freiras e o uniforme lembra um hábito de monja. Além disso, acho que o pai dela tem poder de veto sobre todo o seu guarda-roupa, porque Jessa nunca se mostra muito. Eu só notei o seu corpo incrível quando a vi na praia, de biquíni. Aquela visão foi o que bastou para minha obsessão avançar de limítrofe a avassaladora.

Contudo, aparecer na casa dela foi burrice. Agora eu não vou conseguir tirá-la da cabeça pelo próximo mês. Acho que parte de mim estava torcendo para descobrir que ela engordou 200 quilos ou pelo menos tem namorado, o que acabaria com todos os meus sonhos. Talvez ela até tenha namorado. Esse pensamento quase me faz bater no meio-fio. Merda. Eu não perguntei. Mas se ela tivesse, eu ficaria sabendo, não é? Riley contaria. Tenho certeza. Se alguém chegasse junto de Jessa e ele ficasse sabendo, acabaria logo com a tentativa, mesmo estando no Sudão. Ele encontraria um jeito de dar um fim. Além disso, tem o pai. Não o imagino deixando Jessa namorar. Nunca. E nenhum cara que o conhecesse a chamaria para um segundo encontro.

Já perdi a conta de quantas vezes pensei em dizer para Jessa o que sinto, mas nunca soube se ela está interessada. E, depois de admitir isso para alguém, não tem volta. Se o sentimento não for recíproco, além de você fazer papel de palhaço, ainda perde uma amizade. Eu nem me importo tanto de bancar o idiota, porque ela provavelmente já me considera um, mas me importo de perder a amizade de Jessa. A questão é que, nos e-mails mais recentes, se não estou enganado, ela parecia flertar comigo. Depois que Jessa me olhou daquele jeito agora há pouco e a amiga fez aqueles comentários não tão sutis, tenho uma boa dose de certeza de que estava flertando mesmo. Sinto uma vibração no peito, uma energia que vem lá de dentro e faz meu coração acelerar.

Percebo que estou 20 quilômetros acima do limite de velocidade, sorrindo feito um louco numa viagem de anfetamina. Desacelero um pouco. A placa adiante diz “Retorno proibido”. Ainda assim, durante um segundo, cogito essa possibilidade. Mas então digo a mim mesmo para manter distância. Riley iria me matar. O pai dela me mataria só de suspeitar do tipo de fantasia que tenho com a filha dele. Aliás, antes disso, faria questão de me ver sofrer. É uma má ideia. Nós nunca vamos ficar juntos. Não a longo prazo. Ela vai começar a faculdade depois do verão e, daqui a um mês, eu vou embora de novo.

Paro ao lado do píer e passo meia hora inclinado sobre a balaustrada, ouvindo as ondas se chocarem contra a estrutura de madeira, vendo as crianças brincarem nos balanços no topo do calçadão e os pescadores lançarem as linhas na esperança de fisgar algo. Quando enfim me afasto, o sol está começando a se pôr sobre o mar e eu decidi o que fazer. Sorrio, apesar de provavelmente ser a ideia mais estúpida que já tive. Considerando todas as atitudes estúpidas que já tomei na vida, trata-se de um título bem impressionante.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)